

CAPÍTULO 2

Quando se olha por outro ângulo...

ou

Aporte teórico: redefinindo
o fenômeno

Como explicitado introdutoriamente, o objetivo deste livro é analisar o comportamento prosódico de orações *desgarradas*, ou seja, tem-se por meta uma caracterização do *desgarramento* na língua falada, contudo, a análise não tem como fonte dados similares aos de Decat (2011) exemplificados no capítulo anterior. Isso porque, diferentemente da autora, que se baseia numa análise fortemente relacionada às questões discursivas¹³, o objetivo, aqui, é responder a perguntas fonológicas e, assim, interessam dados de estruturas completamente soltas, chamadas *desgarradas totais*, nas quais o *desgarramento* não

13 Para a autora, o *desgarramento* funciona também como um mecanismo sintático a serviço da estratégia de focalização, ao lado da topicalização e da clivagem, que provém da necessidade de ressaltar o rema, destacando a relação semântica mais frouxa entre os enunciados e permitindo considerar a estrutura *desgarrada* como um ato de fala por si.

se dá pela pausa que separa a oração adverbial da oração nuclear, já que não há, a não ser por inferência, oração nuclear.

É bom reiterar que as orações aqui analisadas serão semelhantes às que dão título a este livro e semelhantes à cláusula primeiramente explicitada na seção anterior, utilizada como exemplo por Decat (2011, p. 25) ao apresentar o fenômeno - "Se eu ganhasse na Sena!", orações adverbiais isoladas, *desgarradas totais*. Além disso, o tipo de oração analisada neste trabalho difere sobremaneira das priorizadas no estudo Decat (2011) por não ter, como define a autora, caráter de "informação suplementar" (DECAT, 2011, p.131), por força de objetivos argumentativos que se materializam na focalização, no realce. As orações aqui analisadas não são informações suplementares, são a única informação. Suplementares, neste caso, são as orações nucleares que, por serem inferíveis, sequer se superficializam.

Mediante o exposto no capítulo 1, não há dúvidas quanto à consistência do status pragmático-discursivo que dá vida às orações desgarradas, como bem preveem e descrevem as análises funcionalistas. Do ponto de vista da análise funcional-discursiva das desgarradas feita por Decat (1999, 2011), parte-se da ideia sintático-pragmática de que as adverbiais são cláusulas hipotáticas, menos subordinadas formalmente, mas dependentes do contexto, para, depois, iniciar-se a discussão sobre a unidade de informação e, indiretamente, perceber-se a relevância de cláusulas desgarradas como um constituinte fonológico, através da observação de comportamentos prosódicos como pausa e entoação. Agora, entretanto, um outro ponto de vista se coloca, o qual tem como partida uma assunção fonológica: a oração desgarrada total é um sintagma entoacional (IP) e um enunciado fonológico (U). Uma vez que IP e U são, respectivamente, domínios de um contorno melódico e de uma unidade de sentido, a oração desgarrada total traz consigo, neces-

sariamente, uma caracterização prosódica própria que necessita ser descrita. A relação com a sintaxe passa, então, a ser secundária, limitada à necessidade de construção dos constituintes prosódicos, como será esclarecido na seção seguinte.

Estabelecido o ponto de vista aqui seguido, as próximas seções serão dedicadas às definições teóricas de ordem fonológica e à descrição de trabalhos nos quais se baseiam as hipóteses (expostas ao fim deste capítulo) que guiam os procedimentos de análise (explicitados no capítulo 3).

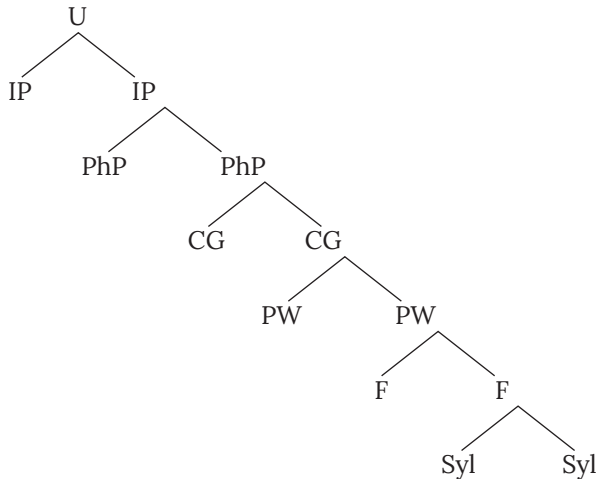
2.1 A FONOLOGIA PROSÓDICA

A teoria proposta por Nespor e Vogel (2007) questiona a adequação da teoria gerativa clássica que limitou a interação da fonologia com o restante da gramática a uma inter-relação com a sintaxe. As autoras argumentam que o componente fonológico da gramática não deve ser visto de forma homogênea e sim como “um subconjunto de subsistemas em interconexão, cada um governado com princípios próprios” (NESPOR E VOGEL, 2007, p.13).

Desse modo, segundo os postulados da teoria prosódica, a corrente fônica está dividida em fragmentos hierarquicamente organizados - os constituintes prosódicos - os quais estão delimitados por diferentes indícios, que abrangem desde modificações segmentais em si até mudanças fonéticas mais sutis. De acordo com a teoria, então, os constituintes prosódicos¹⁴, distribuídos de forma decrescente na hierarquia, são o *enunciado fonológico* (U - Utterance), o *sintagma entoacional* (IP - Intonational Phrase), o *sintagma*

14 Além dos trabalhos aqui citados que tratam da hierarquia prosódica, resumo interessante sobre a história dos constituintes prosódicos pode ser atualmente visto em Gayer (2015).

fonológico (PhP – *Phonological Phrase*)¹⁵, o grupo clítico (CG – *Clitical Group*), a palavra fonológica (PW – *Prosodic word*), o pé (F – *Foot*) e a sílaba (Syl – *syllable*). Tal hierarquia pode ser assim representada:



Uma das importantes asserções da Fonologia Prosódica reside em admitir que, não sendo homogênea, a fonologia está em interface com outras áreas da gramática e que os diversos constituintes prosódicos são definidos por regras que se utilizam de diferentes tipos de noções gramaticais para cada nível da hierarquia. Sendo

15 Muitos autores utilizam a abreviação I para indicar o sintagma entoacional e o símbolo f para indicar o sintagma fonológico, o que poderá ser visto na revisão de alguns trabalhos, feita no capítulo 2.

assim, assume-se que a fonologia não é autônoma e que está em interface com a estrutura sintática, todavia, nos níveis mais altos da hierarquia, a relação entre fonologia e sintaxe é fortemente restrin-gida. A preocupação em salientar que não há isomorfismo entre os constituintes prosódicos e os constituintes sintáticos é evidente na descrição teórica:

Isto é, cada constituinte da hierarquia prosódica baseia-se em diferentes tipos de informação fonológica e nenhuma informação fonológica na definição de seus domínios. Ainda que os princípios que definem os vários constituintes prosódicos façam referência a noções não fonológicas, é de importância crucial que os constituintes prosódicos resultantes não sejam necessariamente isomórficos a quaisquer constituintes encontrados em outra parte da gramática. Especificamente, os constituintes prosódicos construídos com base nas informações contidas nos componentes morfológico e sintático não estão necessariamente em uma relação um-para-um com qualquer um dos constituintes da morfologia ou sintaxe.

(NESPOR E VOGEL, 2007, p. 2)¹⁶

A referida restrição entre fonologia e sintaxe nos domínios mais altos da hierarquia prosódica é relacionada ao fato de os constituintes mais acima dependerem de noções incorporadas aos constituintes mais superiores da árvore sintática, constituintes esses que fazem referência também a noções semânticas. Assim, o

16 “That is, each constituent of the prosodic hierarchy draws on different types of phonological and nonphonological information in the definition of its domain. While the principles that define the various prosodic constituents make reference to nonphonological notions, it is of crucial importance that the resulting prosodic constituents are not necessarily isomorphic to any constituents found elsewhere in the grammar. Specifically, the prosodic constituents built on the basis of information contained in the morphological and syntactic components are not necessarily in a one-to-one relation with any of constituents of the morphology or syntax.” (NESPOR E VOGEL, 2007, p. 2)

caráter geral do tipo de noções não fonológicas utilizadas nas regras de projeção aumenta de acordo com o avanço até domínios prosódicos maiores. Logo, cada domínio prosódico tem um grau de variabilidade de uma língua a outra que é inversamente proporcional ao seu nível na hierarquia. As duas últimas categorias (IP e U) são, portanto, as que manifestam uma natureza mais universal. No decorrer dos estudos alicerçados em postulados da Fonologia Prosódica, a existência de processos fonológicos que podem ser aplicados ou impedidos devido à relação com os limites dos domínios prosódicos, sejam processos segmentais (como o sândi e a elisão) ou suprasegmentais (como a retração do acento e a entoação), tem sido utilizada como prova da distribuição hierárquica dos constituintes (HAYES E LAHIRI, 1991; TRUCKENBRODT, 1995; FROTA, 2000; FROTA & VIGÁRIO, 2000; TENANI, 2002).

Para além dos processos estritamente fonológicos que licenciam a distribuição hierárquica dos constituintes, Nespor e Vogel (2007) afirmam que os constituintes da hierarquia prosódica proporcionam estruturas relevantes para o primeiro nível de processamento da percepção da fala, o *parsing* inicial, fornecendo ao ouvinte a base para a reconstrução da estrutura sintática e para a compreensão da mensagem transmitida por uma dada sequência (NESPOR E VOGEL, 2007, p. 287). Baseando-se nas sugestões de Selkirk (1978) e nas afirmações de Nespor e Vogel (1983a, 1983b), que se utilizaram de dados perceptivos em seus estudos, as autoras salientam que

não são os constituintes sintáticos, mas os constituintes prosódicos os que proporcionam a informação relevante na primeira etapa de processamento de uma sequência de fala. Isso não quer dizer que a estrutura sintática seja irrelevante, mas que só é relevante indiretamente, uma vez que só se faz referência à informação sintática na construção dos constituintes prosódicos que se situam acima da palavra prosódica. Da afirmação de que são os constituintes prosódicos, e não os sintáticos, os que proporcio-

nam as unidades relevantes para o nível inicial de processamento se segue que toda distinção sintática não refletida na estrutura prosódica não pode ser captada nesse nível de percepção. (NESPOR E VOGEL 2007, p. 288)¹⁷

Ao desenvolver uma proposta prosódica para explicar casos de desambiguação – e tal fato é aqui particularmente interessante porque as adverbiais *desgarradas totais* têm interpretação diversa, mas possuem exatamente a mesma estrutura sintática das adverbiais anexadas à oração núcleo – Nespor e Vogel (2007) declaram que os casos de maior possibilidade de desambiguação são aqueles em que há estruturas prosódicas diferentes no nível do IP, asseverando que

as únicas sentenças ambíguas que podem ser desambiguizadas linguisticamente (ou seja, prosodicamente) são aquelas em que existem diferentes estruturas prosódicas correspondentes aos diferentes significados. (NESPOR E VOGEL, 2007, p. 258)¹⁸

Tendo por base tais informações, neste livro, assim como em Tenani (2002), a análise será pautada na observação dos três níveis

17 “it is not the syntactic constituents but rather prosodic constituents that provide the relevant information in the first stage of processing of a given string of speech. This is not to say that syntactic structure is irrelevant, but rather that it is relevant only indirectly, since syntactic information is referred to in the construction of the various prosodic constituents above the word level. It follows from the claim that prosodic, rather than syntactic, constituents provide the relevant units for the initial level of processing that any syntactic distinctions that are not reflected in the prosodic structure cannot be perceived at this stage of perception” (NESPOR E VOGEL, 2007, p. 250)

18 “the only ambiguous sentences that can be disambiguated linguistically (i.e. prosodically) are those in which there are different prosodic structures corresponding to the different meanings.” (NESPOR E VOGEL, 2007, p. 258).

mais altos da hierarquia prosódica - U, IP e PhP - uma vez que são esses os níveis largamente descritos como responsáveis pela percepção e diferenciação de estruturas, como poderá ser visto na seção 2.3, dedicada à breve resenha de trabalhos desenvolvidos sob o mesmo olhar teórico aqui seguido. Por esta razão, supõe-se serem também esses níveis os mais importantes para que se possam verificar as marcas prosódicas caracterizadoras do *desgarramento* e, nas próximas páginas, será feita a descrição dos algoritmos de formação dos constituintes aqui analisados.

Antes disso, importa mencionar que a adoção das abordagens postuladas pela Fonologia Prosódica é justificada por se almejar uma comparação da estrutura entoacional associada aos domínios prosódicos em estruturas *desgarradas* e não *desgarradas* no PB e no PE. Como não há outros estudos prosódicos sobre o *desgarramento*, é a abordagem teórica utilizada que permitirá uma comparação coerente entre as variedades, a fim de que, com base em trabalhos que tratam da estrutura prosódica do português (para o PE: FROTA E VIGÁRIO, 2000, 2001; VIGÁRIO, 2003; FERNANDES, 2007; SEVERINO, 2011; BARROS, 2014. Para o PB: FROTA E VIGÁRIO, 2000; TENANI, 2002; FERNANDES, 2007; FONSECA, 2010; SERRA, 2009, 2016), seja observado se as pistas prosódicas caracterizadoras do fenômeno em estudo são variações fonéticas ou se constituem um padrão fonológico diverso.

Considerando o objetivo de comparar a estrutura entoacional associada aos domínios do PhP e do IP nas duas variedades do português, adotam-se os algoritmos de formação destes constituintes postulados por Frota (2000) para o PE também para o PB, semelhantemente ao que fizeram Tenani (2002) e Fernandes (2007) em trabalhos brevemente discutidos nas seções 2.3 e 2.3.1 posteriores. Esta adaptação de Frota já fora utilizada em outros estudos que fazem referência à estrutura prosódica do português brasileiro (FRO-

TA E VIGÁRIO, 2000; TENANI, 2002; FERNANDES, 2007; SERRA, 2009; FONSECA, 2010; SILVESTRE, 2012, entre outros) e é descrita a seguir:

Formação do sintagma fonológico (PhP):

a. **Domínio de PhP:** O domínio de formação de PhP é definido pela configuração [... Lex XP...]Lexmax (onde *Lex* representa a cabeça de uma categoria lexical, e *Lexmax* representa a projeção máxima de uma categoria lexical).

b. **Construção de PhP:** Elementos em torno de *Lex* são organizados dentro de PhPs de forma que

i. todos os elementos do lado não-recursivo de *Lex* que ainda esteja dentro de *Lexmax* estejam contidos no mesmo PhP com *Lex*;

ii. um PhP pode opcionalmente conter (i) e o sintagma seguinte que é um complemento de *Lex*.

Condição de ramificação (ou de peso) dos PhPs (PE): um PhP deve conter mais material do que uma palavra prosódica.

Formação do Sintagma Entoacional (IP):

a. **Domínio de IP:** o domínio de formação de I pode consistir de i. todos os PhPs em uma sequência que não esteja incorporada estruturalmente à árvore da oração,

ou

ii. toda sequência de PhPs adjacentes pertencentes a uma oração raiz.

b. **Construção de IP:** os constituintes incluídos em um I têm de apresentar uma relação cabeça/complemento.

Condições de peso dos Is (EP): sintagmas longos tendem a ser divididos; sintagmas equilibrados, ou sintagmas mais longos ocupando a posição mais à direita, são preferíveis.

(FROTA, 2000, p. 365)¹⁹

Apoiadas pelos referidos algoritmos, serão então formadas nossas unidades de análise, explicitadas no capítulo 3, relativo à metodologia que guiou a análise prosódica das estruturas *desgarradas totais*.

19 Phonological Phrase (f) Formation (EP)

f-domain: The domain of f-formation is defined by the configuration [... Lex XP ...] Lex_{max}

(where Lex stands for the head of a lexical category, and Lex_{max} for the maximal projection of a lexical category).

b. **f-construction:** Elements around Lex are organized into fs so that

i. all elements on the non-recursive side of Lex which are still within Lex_{max} are contained

in the same f with Lex;

ii. a f may optionally contain (i) and a following phrase that is a complement of Lex.

Branchingness (or weight) condition on fs (EP): a f should contain more material than one prosodic word.

Intonational Phrase (I) Formation (EP)

a. **I-domain:** the domain of I-formation may consist of

i. all the fs in a string that is not structurally attached to the sentence tree, or

ii. any remaining sequence of adjacent fs in a root sentence.

b. **I-construction:** the constituents included in an I must bear a head/complement relation.

Weight conditions on Is (EP): long phrases tend to be divided; balanced phrases,

or the longest phrase in the rightmost position, are preferred.

2.2 A FONOLOGIA ENTOACIONAL

Além da teoria da Hierarquia Prosódica proposta por Nespor e Vogel (1986), as abordagens feitas pelo Modelo Autossegmental e Métrico (AM) da Fonologia Entoacional, postuladas por Pierrehumbert (1980), Ladd (2008), entre outros, também serão importantes para a análise prosódica do *desgarramento*

O modelo AM prevê uma organização fonológica própria para a entoação, interpretando-a como uma sequência de eventos tonais localizados, diretamente relacionados com a acentuação e com fronteiras de domínios prosódicos. Portanto, pode-se presumir que a estrutura prosódica, explicitada na seção anterior, condiciona, de algum modo, a estrutura entoacional. O modelo assume que a constituição das melodias se dá por sequências de dois tipos de tons, apenas (altos [H] e baixos [L]), e são também dois os tipos de eventos tonais suficientes para descrevê-las: os acentos tonais (*pitch accents* e os tons de fronteira (*boundary tones*).

Os acentos tonais afetam necessariamente sílabas acentuadas do ponto de vista lexical e sua indicação se dá por meio de um asterisco (ex: H*). Quando formados por apenas um tom, são chamados monotonais ou simples e, quando formados por dois tons, bitonais ou complexos. A proposta inicial de Pierrehumbert (1980) estabelece, a princípio, sete acentos tonais para o inglês: H*, L*, H*+L, H+L*, L*+H, L+H*, H*+H. A configuração tonal H*+H foi retirada em análise posterior de Beckman e Pierrehumbert (1986) e, segundo Ladd (1996, p. 274), permanece em desuso por várias razões. A mais óbvia, entretanto, é violar o *Princípio do Contorno Obrigatório* (OCP), o qual proíbe a adjacência de elementos idênticos na representação fonológica.

Os tons de fronteira, como sugere a própria nomenclatura, são ligados a fronteiras de constituintes e caracterizam a modulação

melódica no fim de um domínio prosódico. Esse tipo de evento tonal pode ser alto (H) ou baixo (L) e é indicado convencionalmente pela presença de % (ex: **H%** ou **L%**). Contudo, como se poderá ver em algumas exemplificações, alguns autores utilizam a presença de **i** para demarcação de fronteira, sendo sua representação **Hi** ou **Li**.

Além de acentos tonais e de tons de fronteira, suficientes para a descrição fonológica da maioria das línguas, há a possibilidade de existir um acento intermediário (*intermediate phrase*), chamado acento frasal. Para o português, o trabalho de Tenani e Fernandes-Svartman (2008) dá indícios da possibilidade de ser alocado um tom de fronteira ao PhP em sentenças focalizadas, o que indica a existência de um acento frasal no PB.

A conjugação do modelo hierárquico e do modelo AM é feita, para o Português, em trabalhos como os de Frota (2000, 2002, 2003), Frota & Vigário (2000), Tenani (2002), Viana & Frota (2007), Fernandes (2007), Serra (2009), Fonseca (2010), Severino (2011), Cruz e Frota (2011), Silvestre (2012), Barros (2014), Frota *et al.* (2015), Castelo (2016), entre muitos outros, que recobrem diversas variedades do PB e do PE. Entretanto, importa salientar que, apesar de serem utilizados apenas dois tons (H e L) para as inúmeras descrições já existentes, isso não significa que

uma anotação fonológica utilizada para dar conta de um contorno específico de uma dada língua ou dialecto tenha sempre a mesma realização fonética noutra língua ou dialecto. Os acentos tonais devem ser entendidos como unidades fonológicas abstratas e, como tal, sujeitas a variabilidade contextual e a diferentes tipos de implementação em línguas distintas. O mesmo se aplica aos tons de fronteira.

(CRUZ E FROTA, 2009, p.166)

Dentro do quadro do modelo AM da Fonologia Autossegmental, foi desenvolvido, também inicialmente para o inglês (BECKMAN,

HISCHBERG E SHATTUCK HUFNAGEL, 2005), um sistema de notação prosódica conhecido como ToBI (**T**One and **B**reak Indices). Tal sistema propõe o alinhamento do contorno de F0 a camadas específicas: uma para transcrição ortográfica, uma para a anotação de eventos tonais, uma para a anotação de fronteiras e uma para comentários. Frota (2014) adaptou o sistema para o português europeu (P_TOBI), testando-o em diversas variedades do PE, e a adaptação feita pela autora, que comporta os dois principais tipos de eventos tonais – acentos tonais alinhados a sílabas tônicas e tons de fronteira alinhados a fronteira de IP, será aqui utilizada e mais bem detalhada no capítulo 3.

Descritas as bases teóricas que sustentam a análise prosódica empreendida neste livro, a seguir será feita descrição, em ordem cronológica, de alguns dos muitos trabalhos que, sob o mesmo olhar teórico, realizam análise comparativa da estrutura fonológica de sentenças declarativas no PB e no PE, a fim de que, com eles, comparem-se os resultados concernentes às estruturas *desgarradas totais* – uma vez que elas também são declarações. De modo mais específico, também serão descritas pesquisas que trataram de questões específicas relativas ao fraseamento e à desambiguação de estruturas em português, as quais trazem resultados importantes para o embasamento das hipóteses suscitadas pelas perguntas que incentivam esta análise prosódica.

2.3 A ESTRUTURA FONOLÓGICA DO PB E DO PE NA VISÃO INTEGRADA DAS FONOLOGIAS DE BASE PROSÓDICA: TRABALHOS COMPARATIVOS

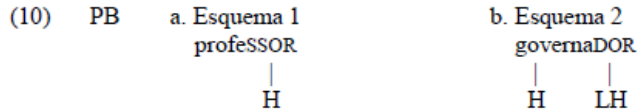
Frota & Vigário (2000), em texto sobre entoação e ritmo no PB e no PE, foram as primeiras a realizar estudo prosódico comparativo entre as duas variedades do português, uma vez que, apesar da existência de estudos anteriores sobre aspectos rítmicos e entoacionais (SCARPA, 1976; CAGLIARI, 1981; MORAES, 1993; VIANA, 1987; FROTA, 1993; FALÉ, 1995; VIGÁRIO, 1998; entre outros), as diferentes abordagens utilizadas não permitiam um confronto concreto dos resultados. Além de sua importância comparativa, o estudo das autoras é relevante aqui por ter sido realizado sob a ótica integrada das fonologias prosódica e entoacional.

O *corpus* da pesquisa feita pelas estudiosas foi composto por 20 frases, repetidas três vezes por duas falantes brasileiras e duas falantes portuguesas, em um total de 240 unidades analisadas, controladas quanto ao número de sílabas e à estrutura acentual das palavras. Os resultados relativos ao ritmo, descritos agora muito brevemente por não serem as questões rítmicas parte da análise empreendida neste livro, demonstram que são diferentes os padrões no PB e no PE, uma vez que os testes perceptivos e as análises de produção revelaram a existência de uma alternância rítmica binária para o PB - que acentua cada sílaba par à esquerda do acento primário - ao passo que, no PE, foram percebidos os acentos em início de palavra fonológica, os quais ocorreram majoritariamente na primeira palavra fonológica do sintagma entoacional.

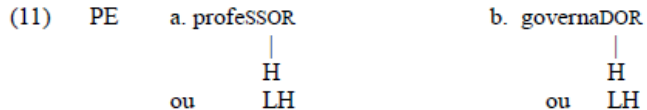
No que tange particularmente à entoação, Frota e Vigário (2000) observaram, após a análise de 160 dados, a ocorrência expressiva de eventos tonais que não se encontram ligados a sílabas acentuadas no PB, ocorrência esta que depende do número de síla-

bas nas palavras anteriores ao acento principal, diferentemente do que ocorre no PE. Segundo as autoras:

Este facto, que caracteriza a palavra inicial de PhP, é particularmente visível se esta é também a primeira palavra de IP, agrupando-se os dados em dois esquemas de atribuição tonal: o esquema 1 para as palavras com até duas sílabas pré-tónicas, em que apenas a sílaba acentuada é portadora de um evento tonal (ver (10a)); e o esquema 2 para as restantes palavras, em que um evento tonal adicional (H) surge com pelo menos duas sílabas de intervalo em relação à sílaba acentuada (ver 10b).



No PE, pelo contrário, é rara a presença de eventos tonais não ligados a sílabas acentuadas e, mais importante ainda, a sua presença ou ausência não depende do número de sílabas, como ilustrado em (11)



(FROTA E VIGÁRIO 2000, p.11)

Relativamente à associação dos tons à estrutura prosódica, as pesquisadoras salientam um outro resultado concernente às propriedades entoacionais do sintagma fonológico: há assinalamento, em 94% dos PhPs do PB, de ao menos um evento tonal associado a uma sílaba tônica. No PE, apenas 79% dos PhPs analisados recebem um acento tonal. Além disso, as autoras descrevem que, excluídos os PhPs em posição inicial e em posição final, porque portam acento tonal por razões independentes, nos PhPs em posição não inicial e não final de IP, “os resultados de presença de acento tonal são de 80% para o PB contra apenas 27% para o PE” (FROTA E VIGÁRIO, 2000, p.12).

As figuras seguintes, exemplos do *corpus* de Frota e Vigário (2000), revelam as diferentes propriedades entoacionais do PB e do PE, representativas de uma frase com 4 PhPs (fs):

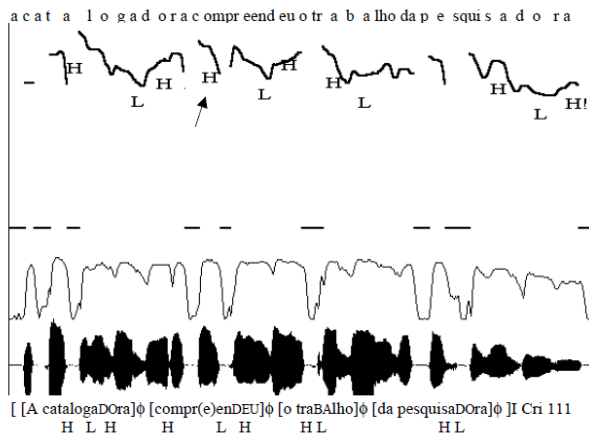


Figura 7: Entoação comparada: uma frase com quatro PhPs no PB.
Fonte: FROTA E VIGÁRIO (2000, p.14)

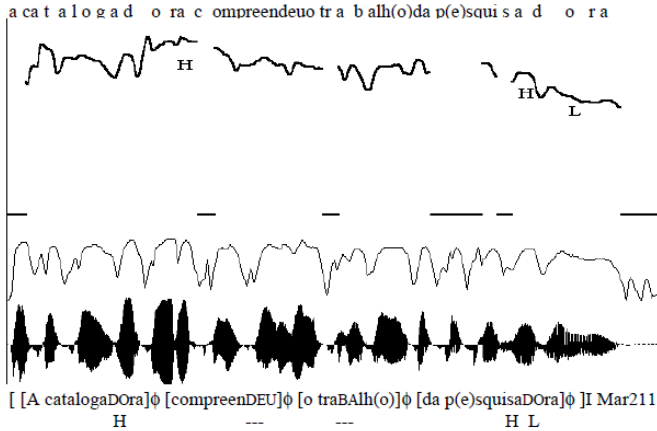


Figura 8: Entoação comparada: uma frase com quatro PhPs no PE.
 Fonte: FROTA E VIGÁRIO (2000, p. 14)

Frota e Vigário (2000) apontam, ainda, que as diferentes propriedades entoacionais do PhP nas duas variedades do Português não estão restritas à presença ou à ausência de acentos tonais, pois se verificam, frequentemente, outros eventos tonais nos dados do PB, os quais não são obrigatórios e não são observados nos dados do PE: um tom H localizado na fronteira esquerda do PhP e um tom L ligado à fronteira direita deste domínio prosódico, ambos os eventos exemplificados abaixo:

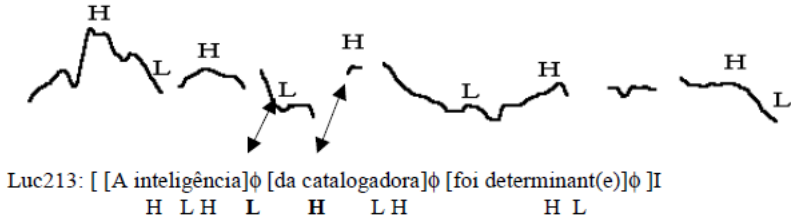


Figura 9: Eventos tonais de fronteira numa frase do PB.
Fonte: FROTA E VIGÁRIO (2000, p.15)

Em síntese, o estudo comparativo das pesquisadoras conclui que o PhP é um domínio entoacionalmente “robusto” no PB, mas não no PE e que, além da importância dos domínios do IP e do PhP para a organização entoacional do PB, há influência do tamanho do enunciado para a atribuição de tons.

Fernandes (2007) também realiza a comparação de estruturas nas variedades brasileira e lusitana do português. A autora explica que sua análise privilegia a palavra prosódica, o sintagma fonológico e o sintagma entoacional pelo fato de o mapeamento sintaxe-fonologia ser estabelecido de forma clara a partir do nível da palavra prosódica e porque, em PE, o sintagma entoacional é o domínio relevante para a associação de tons ao contorno entoacional, ao passo que, em PB, o domínio privilegiado para a associação de tons é o sintagma fonológico²⁰ e, no trabalho de Fernandes (2007), também a palavra prosódica.

20 Além dos resultados de Frota e Vigário (2000) que indicam ser o PhP o domínio relevante para o PB, o trabalho de Tenani (2002) é o que fornece análise detalhada sobre a importância deste domínio e sobre a configuração prosódica da declaração neutra no PB. Não o resenhamos nesta seção por termos escolhido privilegiar trabalhos que, como o nosso, são comparativos das duas variedades do português. Contudo, o trabalho da autora é referência primeira para quem deseja iniciar os estudos sobre a estrutura prosódica e entoacional do português brasileiro.

No que tange às sentenças neutras produzidas por falantes do PB, Fernandes (2007) observou a associação opcional de acentos tonais a todas as PWs do IP. Apesar dessa opção, contudo, a autora afirma que a obrigatoriedade de associação de acento tonal à PW se dá quando essa é a cabeça de PhP, como demonstram as figuras seguintes:

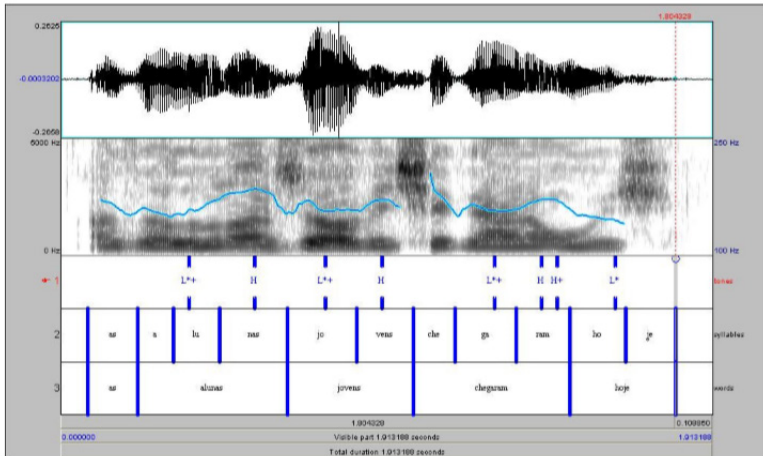


Fig. 10: Associação tonal, no PB, a todas as PWs do IP.
 Fonte: FERNANDES (2007, p.197)²¹

21 Tal associação é representada por:

[[(as aLUNas)PW (JOvens)PW]PhP [(cheGArAm)PW (HOje)PW]PhP]IP
 L*+H L*+H L*+H H+L*

"AI, SE EU TE PEGO..."

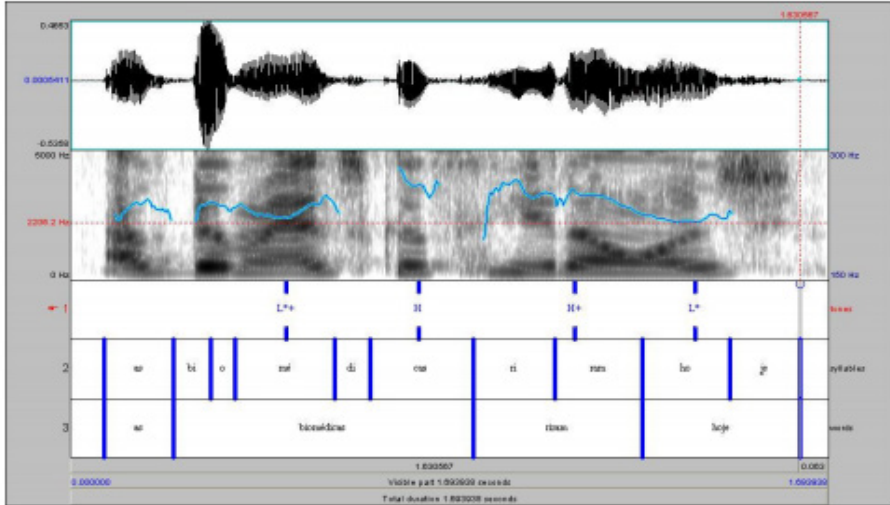


Fig. 11: Associação tonal, no PB, apenas às PWs cabeça dos PhPs.

Fonte: FERNANDES (2007, p.197)²²

Além da produtiva associação de tons a PWs, fato anteriormente não observado em outros trabalhos sobre a estrutura prosódica e entoacional do PB, Fernandes (2007) destaca que os tipos de tons associados às PWs variam de acordo com a posição ocupada por elas no IP e de acordo com o número de sílabas pretônicas existentes em tais palavras.

No que concerne especificamente à configuração inicial das sentenças neutras no PB, a autora verifica que há, predominantemente, um acento tonal L*+H associado à sílaba tônica da PW ca-

22 Tal associação é representada por:

[[[as BloMÉdicas) PW] PhP [(R)Iram) PW (HO)je) PW] PhP] IP
L*+H H+L*

beça do primeiro PhP do IP. A pesquisadora aponta também que, quando há ramificação no primeiro PhP do IP – quando o PhP é formado por duas PWs –, o que predomina é a associação de um acento tonal a cada PW do PhP ramificado.

No que se refere ao contorno final, os resultados de Fernandes (2007), fazendo referência à palavra prosódica, ratificam as descrições de outros autores para sentenças neutras no PB, salientando, entretanto, que há, categoricamente, um acento tonal H+L* associado à sílaba tônica da PW cabeça do último PhP do IP e um tom L% associado à fronteira direita do IP. De forma semelhante ao identificado quando há ramificação do primeiro PhP, a estudiosa também destaca que, quando há ramificação do último PhP do IP, pode ser encontrado um acento tonal associado a cada PW de tal PhP ou somente o tom H+L* associado à sílaba tônica da PW cabeça do PhP final.

Os resultados de Fernandes (2007), portanto, confirmam os de trabalhos anteriores (CUNHA, 2000; FROTA E VIGÁRIO, 2000; TENANI, 2002) sobre a estrutura entoacional do PB e sobre a atribuição, praticamente obrigatória, de acentos tonais a cabeças de PhPs, como anteriormente demonstraram Frota e Vigário (2000) e Tenani (2002). A análise feita pela autora, entretanto, revela a existência de uma densidade tonal ainda maior em sentenças produzidas por falantes brasileiros, uma vez que constatou, de forma produtiva, a existência de tons associados a todas as PWs do IP.

Em sua análise sobre a estrutura entoacional de sentenças neutras produzidas por falantes portugueses, Fernandes (2007) afirma ter sido categórica a existência do mesmo contorno já descrito por outros trabalhos (cf. DELGADO MARTINS E LACERDA, 1977; VIANA, 1987; FROTA, 1991, 1997, 2000, 2002a, 2002b, 2003; FALÉ, 1995; VIGÁRIO, 1998; GRØNNUM E VIANA, 1999; FROTA E VIGÁRIO, 2000, entre outros), contorno esse caracterizado por “uma subida inicial,

um *plateau* intermediário e uma descida final pronunciada” (Fernandes, 2007, p.202). A pesquisadora também diz ter sido igualmente categórica a marcação da descida final através da associação de um acento tonal H+L* à PW cabeça do último PhP do IP e da associação L% ao final do IP.

No que concerne, especificamente, à configuração inicial das sentenças neutras no PE, são encontrados os acentos tonais dos tipos L*+H ou H* e, ainda, o tom H – em sílabas não acentuadas – relacionado à fronteira inicial da PW ou do IP. De acordo com Fernandes (2007), há a preferência pela associação do tom H à segunda ou terceira sílaba do IP, sejam elas tônicas ou não (o tom preferencial, portanto, pode ser H ou H*). As figuras a seguir exemplificam a variação dos contornos encontrados na fronteira esquerda dos IPs em PE (FERNANDES, 2007, p.203):

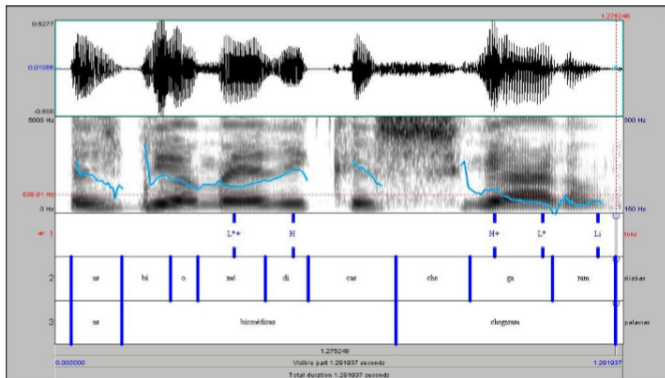


Fig. 12: Associação tonal, no PE, do tom L*+H ao início do IP.
 Fonte: Fernandes (2007, p.202)²³.

23 Tal associação é representada por:

[[[as bioMÉdicas]_{PW}] PhP[[cheGAm]_{PW}]PhP]IP
 L*+H H+L* L%

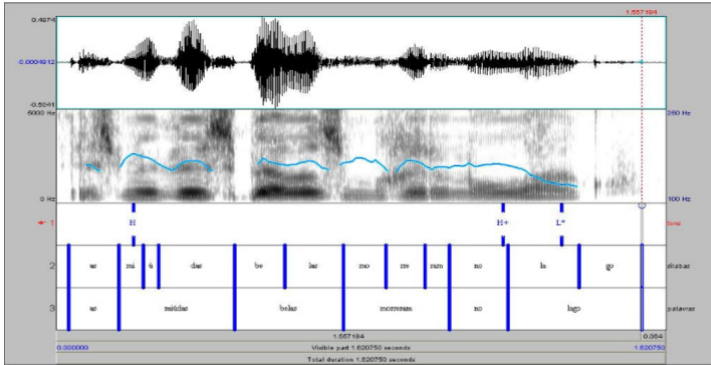


Fig. 13: Associação tonal, no PE, do tom H ao início do IP.
 Fonte: FERNANDES (2007, p.202)²⁴ .

Os resultados de Fernandes (2007) também confirmam os de trabalhos anteriores sobre o PE e, além disso, reiteram a afirmação encontrada em Frota (2003, p.150) de que há dois subsistemas de periferia esquerda no sistema entoacional do PE: um caracterizado pela escolha de um acento tonal inicial – consistentemente alinhado a uma sílaba acentuada – e o outro caracterizado pela escolha de um tom relacionado à fronteira – associado ao início do IP, podendo estar alinhado a uma sílaba acentuada ou não.

Mais recentemente, os trabalhos de Frota *et al.* (2015) e Frota e Moraes (2016) reúnem e resumem resultados de outras pesquisas referentes à comparação entre as variedades brasileira e europeia do português. Frota *et al.* (2015), em estudo sobre a variação entoacional do português, procedem a uma comparação sistemática entre o português brasileiro e o português europeu, postulando

24 Tal associação é representada por:

$$[[[as\ mi\ ú\ das]_{PhP}(BE)las]_{PhP} [(mo)RRERam]_{PW}\phi] [(no\ LA)go]_{PW}]_{PhP}]_{H+L^*}$$

claras dimensões de variação entre PB e PE: o inventário de acentos nucleares (ver tabela 1), o fraseamento prosódico (possibilidade de fronteira marcada no PhP de sentenças focalizadas no PB – cf. TENANI E FERNANDES-SVARTMAN, 2008) e a distribuição dos acentos tonais (um por PW no PB e não no PE). Frota e Moraes (2016) também investigaram características entoacionais do PB e do PE, com base em dados de leitura, e concluem que as variedades diferem, consistentemente, em relação ao nível prosódico privilegiado para a associação de eventos tonais, uma vez que há a possibilidade de todas as palavras prosódicas receberem acento tonal no PB ao passo que, no PE, é o sintagma entoacional o domínio de alocação dos eventos tonais.

Em resumo, todos os trabalhos mencionados até o momento ratificam, como configuração final da asserção neutra no PB e no PE, o acento tonal H+L* associado à sílaba tônica da cabeça do último PhP do IP, seguido pelo tom de fronteira L% associado à fronteira direita do sintagma entoacional. Além disso, explicitam que as duas variedades do português diferem quanto ao nível prosódico privilegiado para a associação tonal – PhP no PB e IP no PE.

Os resultados referentes ao contorno final dos IPs, tanto em PB quanto em PE, interessam de maneira particular para a análise empreendida neste livro por se acreditar, com por base na vasta literatura sobre a estrutura prosódica do português, que a fronteira direita do IP é o *locus* para a inserção de fatores prosódicos capazes de caracterizar o *desgarramento*. Tais resultados, portanto, servem como pauta de comparação para que se possa interpretar, de maneira consistente, a configuração prosódica das orações *desgarradas totais*.

2.4 A RELAÇÃO ENTRE PROSÓDIA E INTERPRETAÇÃO DE ESTRUTURAS: ESTUDOS SOBRE DESAMBIGUAÇÃO E FRASEAMENTO EM PORTUGUÊS

Frota e Vigário (2001) analisam estruturas em que o peso fonológico desempenha papel relevante no PE, a saber: a ordenação de complementos verbais, a topicalização e a inserção de parentéticas. As análises das duas últimas estruturas envolvem a relação entre IPs distintos, uma vez que tópicos (14a) e parentéticas (14b) tendem a formar IPs à parte:

(14)

[Esse livro]IP, [o João] PhP [leu] PhP[no 9º ano]PhP]IP

[O João comprou]IP [segundo me disseram]IP [livros caros]IP

Os resultados das autoras revelam que as questões de peso fonológico são essenciais na reordenação de tópicos e parentéticas, questões essas, contudo, ligadas ao elemento mais à direita na sentença e não exatamente ao tópico ou ao parêntese. A aceitação das estruturas 14a e 14b é questionada se o último IP não for constituído por um PhP ramificado ou focalizado. Todavia, interessam sobremaneira, nesse momento, os resultados de Frota e Vigário (2001) referentes à influência da fonologia na ordenação dos complementos verbais pelo fato de esses casos, assim como as orações analisadas neste livro, constituírem um único sintagma entoacional.

Tendo em mente que, em português, a configuração canônica de ordenação dos constituintes sintáticos que são complementos do SV é SN+ SPrep, as linguistas propõem que a mudança na ordenação dos constituintes não é legitimada por fatores sintáticos, mas sim por uma condição prosódica de peso, que postula a neces-

sidade de o elemento reordenado na sentença ser fonologicamente pesado, como demonstra (15):

(15)²⁵ A Ana [comprou [o quadro do vencedor do concurso]SN [ao Pedro]Sprep]SV

a. [A Ana comprou [ao Pedro]PhP [o quadro]PhP [do vencedor]PhP [do concurso]PhP]IP

b. ??/* [A Ana comprou [o quadro]PhP [do vencedor]PhP [do concurso]PhP [ao Pedro]PhP]IP

Para a sentença em (15), a reordenação do constituinte à configuração SPrep+SN, como em (15a) é a ordem aceitável, uma vez que o SN é pesado (possui mais material fonológico – três PhPs) e o SPrep é leve (possui apenas um PhP). As autoras salientam que, nesse caso, a ordenação canônica só é possível se ao SPrep for atribuída “a interpretação e, crucialmente, a prosódia de um elemento focalizado” (FROTA E VIGÁRIO 2001, p. 319), como em (16):

(16) A Ana comprou [AO PEDRO] [o quadro]PhP [do vencedor]PhP [do concurso]PhP [ao Pedro]PhP]IP

As pesquisadoras também demonstram que, quando ambos os complementos - SPrep e SN - são igualmente simples e curtos, é necessário atribuir peso fonológico (por meio de atribuição de foco, por exemplo) ao constituinte mais à direita para que a sentença seja aceitável:

25 Exemplo de Mateus *et al.* (1989) adaptado por Frota e Vigário (2001, p.319).

(17) a. ??/*[A Ana comprou [ao Pedro]PhP [o quadro] PhP]IP

b. [A Ana comprou [ao Pedro]PhP [O QUADRO] PhP]IP

Feitas estas e outras considerações, Frota e Vigário (2001) de-
finem, então, o que é o peso fonológico, definição expressa em (18):

(18) Um constituinte é pesado se:

fonologicamente ramificado (i.e. constituído por mais material
do que o constituinte fonológico do tipo relevante), ou

portador de *propriedades de proeminência* que o distingam dos
restantes (e.g acento de foco prosódico).

(FROTA E VIGÁRIO, 2001, p. 320).

Tal definição será aqui seguida e os resultados concernentes à
necessidade de se atribuir peso fonológico a determinadas estru-
turas são de especial interesse por se acreditar que, como explici-
tarão as hipóteses na seção subsequente, são exatamente as estra-
tégias de atribuição de peso utilizadas na fronteira final dos IPs que
permitem a existência de orações *desgarradas totais*.

Tenani (2002) é pioneira em estudos específicos para o PB con-
cernentes à relação entre as estruturas entoacional e prosódica. O
importante trabalho da autora traz, além de análises detalhadas
relativas à aplicação de processos fonológicos e sua relação com
os domínios prosódicos, descrição relevante sobre a declaração
neutra no PB, descrição essa que tem tido seus resultados corro-
borados em inúmeras pesquisas (FERNANDES, 2007; SERRA, 2009;
SILVESTRE, 2012; CASTELO, 2016; entre outros). Neste momento,
contudo, interessam especificamente os resultados obtidos pela

autora na identificação de algumas estruturas, como as exemplificadas a seguir, uma vez que, como se pode perceber em 20.1, 20.3, 20.5, 20.7 e 20.9²⁶, a autora acabou por verificar o comportamento prosódico de orações adverbiais anexadas à nuclear, as quais configuram o primeiro IP de U e que, com vistas à descrição do *desgarramento*, têm papel importante neste livro:

(20)

[[Se você se atrasar,]I [a Marina vai embora.]]I]U

[[A Marina não acredita,]I [mas eu vi um disco voador.]]I]U

[[Antes de você partir,]I [assine o contrato da casa.]]I]U

[[Em Campinas,]I [o presidente inaugurou uma escola.]]I]U

[[Quando você vier,]I [alimente os animais.]]I]U

[[Alimente os animais,]I [quando você vier.]]I]U

[[Assim que te viu chegar,]I[Alice parou de chorar.]]I]U

[[Alice parou de chorar,]I [assim que te viu chegar.]]I]U

[[Apesar de haver riscos,]I [a Alice vai para Souzas.]]I]U

[[A Alice vai para Souzas,]I [apesar de haver riscos.]]I]U

(TENANI, 2002, p. 53)

26 Em Tenani (2002, p. 53), os exemplos de número (20) são os de número (8).

Os resultados de Tenani (2002), no que tange à configuração do primeiro IP (I) de U, revelaram que pode haver tanto um tom HL* quanto um tom LH* associado à última sílaba tônica do constituinte, mas que, preferencialmente, ocorre o tom LH* seguido de um tom de fronteira alto (H% ou Hi). Esta configuração é conhecida, na literatura de base prosódica, como caracterizadora de um tom suspensivo (CAGLIARI, 1992) ou de um “padrão continuativo” (GONÇALVES, 1997; CUNHA, 2000) e, segundo a autora, em termos de organização de constituintes,

a presença de Hi não apenas delimita um constituinte entoacional, como também parece traduzir a relação hierárquica entre as sentenças. Em outras palavras, embora linearmente possa ser identificada a sequência de dois Is, a relação entre eles é assimétrica, ou seja, os constituintes irmãos não têm o mesmo valor, uma vez que um dos constituintes está incompleto em relação ao outro que se segue. Essa relação é assegurada juntamente com o acento tonal, que preferencialmente se realiza como LH*, associado à última sílaba tônica do I não final.

(TENANI; 2002, p. 77)

A configuração melódica LH*H% foi, portanto, majoritária nos IPs iniciais analisados por Tenani (2002), ainda que eles tenham configurações sintáticas diversas – sejam sintagmas oracionais ou não, como mostrado em (20). É importante mencionar, ainda, que não foi encontrada relação entre a variação na estrutura prosódica e a ordenação sintática dos constituintes, sendo os contornos entoacionais encontrados praticamente os mesmos, como se exemplifica a seguir²⁷:

27 Em Tenani (2002, p. 81), os exemplos de número (21) são os de número (27).

(21)

1 [[A Alice vai para SouzaS,]I [apesar de haver riscos.]]U
LH* L* LH* L* HL* Li

2 [[Apesar de haver riscos,]I [a Alice vai para SouzaS.]]U
LH* L* LH* L* L* HL* Li

(TENANI, 2002, p. 81)

Os resultados de Tenani (2002) vão, deste modo, ao encontro dos postulados da Fonologia Prosódica no que se refere ao não isomorfismo entre as estruturas sintática e prosódica. Além disso, são aqui de especial interesse por mostrarem que, independentemente da ordenação sintática ou da semântica veiculada pelas orações, o que importa, para a associação dos acentos tonais e para a consequente significação trazida pela prosódia, é que sejam sintagmas entoacionais (IP ou I) bem formados.

Vigário (2003) realiza, para o PE, estudo com estruturas que permitem mais de uma possibilidade de interpretação, a fim de averiguar pistas prosódicas capazes de favorecer determinadas interpretações ou desfazer ambiguidades. Dentre as estruturas analisadas pela autora, estão as exemplificadas abaixo²⁸:

(22)

- a. As garotas apenas emprestaram filmes às amigas.
- b. A Joana observou o rapaz com o binóculos.
- c. Deslocaram-se as populações do interior para o litoral.

28 Exemplos encontrados nas páginas 254 e 259 de Vigário (2003).

permite, inclusive, nenhuma outra interpretação que não seja a de associação do SPrep ao SV. Nesse caso, portanto, como exemplifica a figura 15, a ambiguidade é totalmente desfeita:

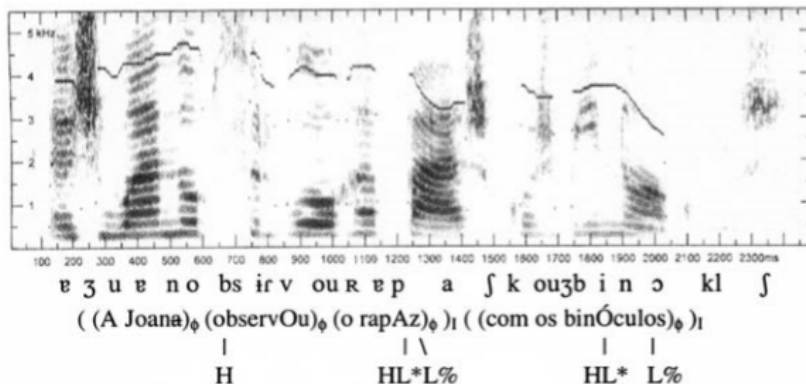


Fig. 15: Representação melódica de "A Joana observou o rapaz com os binóculos" fraseada em dois IPs distintos. Fonte: VIGÁRIO (2003, p. 261).

Os resultados de Vigário (2003) para o PE aqui interessam de modo particular por tratar de estruturas que possibilitam mais de uma interpretação, possibilidade que, como dito previamente, também recobre o caso das de nossas *desgarradas totais*, uma vez que o default é que orações adverbiais não sejam interpretadas sem a oração núcleo. Quando há essa possibilidade, portanto, acredita-se que pistas prosódicas serão utilizadas para a interpretação das *desgarradas totais* como estruturas completas.

Serra (2009) estuda a relação entre estrutura prosódica, estrutura entoacional e realização e percepção de fronteiras prosódicas no PB em dados de leitura e de fala espontânea. A autora salienta a importância da verificação de pistas prosódicas como alongamento

silábico pré-fronteira, a variação da frequência fundamental e a pausa para seu estudo, de acordo com outras pesquisas que tratam de questões relativas ao fraseamento.

As descrições de Serra (2009) corroboram as asserções de trabalhos anteriores sobre a fronteira de IP, em português e em outras línguas, demonstrando que a pausa é o principal indicador de fronteira deste constituinte, realizada em 93% dos dados de leitura e 65% dos dados de fala espontânea por ela investigados. Importa mencionar, entretanto, que o alongamento silábico e a gama de variação de F0 pré-fronteira também se mostraram relevantes para percepção da fronteira de IP na fala de algumas informantes da autora, ainda que não produzidos de forma sistemática, o que a fez concluir que

nos dois estilos de fala, a pausa se mostrou determinante para a percepção de uma fronteira de IP, já que um IP percebido quase sempre é acompanhado de uma pausa, ao passo que IPs não percebidos normalmente não são assinalados, ou são assinalados de forma menos consistente, por essa pista duracional.
(SERRA, 2009, p.107)

Serra (2009) observa, ainda, que o número de sílabas ou o número de palavras prosódicas que formam o IP condiciona a percepção da fronteira do constituinte. De acordo com a pesquisadora, quanto maior o número de sílabas (oito ou mais) ou o número de PWs (quatro ou mais) no IP, maior a possibilidade de percepção das fronteiras do constituinte.

Os resultados de Serra (2009) para o PB desempenham, desse modo, papel de grande relevância para a análise dos dados que será feita para o *desgarramento*, uma vez que a fronteira de IP e os correlatos fonético-fonológicos cuidadosamente observados pela autora – pausa, alongamento e gama de variação de F0 – também são

relevantes neste estudo e serão consistentemente considerados neste livro, como clarificarão as hipóteses (cf. o fim deste capítulo) e os procedimentos metodológicos adotados (cf. capítulo 3).

Fonseca (2010), em trabalho sobre o papel da prosódia na desambiguação de relativas reduzidas (SN1-V-SN2-Atributo) no PB, sob o enfoque teórico da Fonologia Prosódica, amplia o estudo de Fonseca (2008) que, ao analisar as mesmas estruturas com base nos pressupostos teóricos da psicolinguística, concluiu que há interferência da prosódia para o processamento de sentenças nas quais há aposição não local do atributo.

Ao considerar a importância dos pressupostos fonológicos de Selkirk (1984) e Nespor e Vogel (1986) em seu estudo sobre desambiguação, Fonseca (2010) assume, assim como Vigário (2003), que o fraseamento prosódico pode direcionar a estruturação sintática de sentenças e servir como guia da interpretação, apesar de nem todas essas estratégias prosódicas serem suficientes, por questões de peso fonológico, para que a divisão dos constituintes seja bem formada e direcione a uma interpretação natural por parte do ouvinte (FONSECA, 2010, p.243).

Ainda que as estruturas estudadas por Fonseca (2010) sejam sintaticamente ambíguas (uma vez que, por exemplo, o atributo *suado* possa ser interpretado com referência à *amigo* ou *rapaz* em uma frase como *O rapaz abraçou o amigo suado*), a autora afirma que há uma interpretação *default* ao SN2 (*amigo*, no exemplo) que ocorre por razões de economia e de proximidade, sendo guiada por princípios psicolinguísticos. Com base nisso, Fonseca (2010) considera, também, os postulados da *The rational speaker hypothesis*, proposta por Clifton, Carlson e Frazier (2002), assumindo que

os falantes empregam a entoação de maneira consistente com a intenção da mensagem que pretendem transmitir e os ouvintes interpretam a entoação assumindo tal intenção, ou seja, que os

falantes não fazem suas escolhas prosódicas sem razão (e que essas razões são escolhas racionais, ou seja, são planejadas para o efeito pretendido). No caso de sentenças ambíguas, em que são possíveis duas estruturas sintáticas diferentes para uma mesma sequência de palavras, a prosódia serve como caminho desambiguidor e pode até contrariar uma interpretação que é tida como *default* para a estrutura.

(FONSECA, 2010, p. 243)

Considerando pesquisas de Frota (2000), Frota e Vigário (2001) e Vigário (2003), feitas para PE, as quais demonstram a influência do tamanho dos constituintes e questões de foco no peso prosódico dentro da estrutura, não possibilitando liberdade total de ordenação, Fonseca (2010) indica que as estruturas em foco no seu estudo são formadas, na sua ramificação ideal, por um IP e três PhPs. As sentenças analisadas pela autora, como exemplifica (23), seguem os princípios de balanceamento e proeminência, que determinam ser necessário que o constituinte mais pesado fique na posição de cabeça do IP:

(23) [[O repórter]PhP [entrevistou]PhP [o político sozinho]]IP²⁹

Os resultados de Fonseca (2010) demonstram que, através da aplicação de testes perceptivos com frases manipuladas quanto à saliência dos parâmetros prosódicos de pausa, duração e modulação de F0, a marcação prosódica inserida mudou o fraseamento das sentenças e foi capaz de direcionar as escolhas de interpretação. Os exemplos a seguir, encontrados em Fonseca (2010), demonstram a divisão dos constituintes prosódicos esquematizada a partir da inserção das pistas prosódicas feita pela autora:

29 Em Fonseca (2010, p.253), o exemplo (23) antes usado é o de número (13).

(23a) ? [[O repórter]PhP [entrevistou o político]PhP // (sozinho)]
IP

(23b) ?? [[O repórter]PhP [entrevistou o político]PhP] IP // [(so-
zinho)]IP

(23c) [[O repórter]PhP [entrevistou o político]PhP [soZInho]]IP

(23d) [[O repórter]PhP [entrevistou o político]PhP [soziinho]]IP ³⁰

FONSECA (2010, p.253)

Em (23a), exemplifica-se a inserção da pausa (//) entre o SN2 (político) e o atributo (sozinho) que, por conter apenas uma PW não focalizada, não possui peso suficiente para estar na posição de cabeça de IP, por isso, o questionamento de sua gramaticalidade quando a intenção é a interpretação do atributo ao SN1. O exemplo (23b), também por razões de ordem fonológica, não permite a interpretação não *default* do atributo, uma vez que, por questões de tamanho e hierarquia, um IP deve ser formado, preferencialmente, por mais material do que um PhP. A focalização com picos de F0 no SN1 e no atributo (em 23c) e a inserção de um alongamento no atributo em (23d) são estratégias que conferiram peso ao PhP, permitindo-o ocupar a posição mais proeminente do IP sem causar estranhamento. A estratégia presente em (23c), entretanto, foi a preferida pelos ouvintes (71,88% dos casos) e Fonseca (2010) acredita que “só o incremento na duração do segmento tônico, sem a mudança da natureza acentual, não é fator suficientemente forte para a focalização, o que pode ter gerado algum estranhamento pelos ouvintes”. Além disso, a autora conclui em sua análise que

30 Em Fonseca (2010, p.253), os exemplos (23a, 23b, 23c e 23d) antes usados são os de número (13a, 13b, 13c e 13d).

a focalização do atributo gera uma fronteira bem formada entre ele e o SN2, e uma correta eurritmia da cadeia prosódica, já a focalização do SN1 gera uma espécie de co-indexação dos acentos tonais e consequentemente uma ligação semântica dos constituintes focalizados. A focalização de dois elementos em um mesmo IP não fere as regras de boa formação dos IPs pois, como descrito por Fernandes (2007), o PB pode ter um acento tonal por PhP e em alguns casos alternativos um acento tonal por palavra prosódica. (FONSECA, 2010, p. 253)

Fonseca (2010) corrobora, ainda, a *the rational speaker hypothesis*, proposta por Clifton, Carlson e Frazier (2002), ao concluir também que “os ouvintes são capazes de perceber a intencionalidade da marcação prosódica e levam tal fato em consideração para a interpretação de sentenças” (FONSECA, 2010, p.254). Os resultados da pesquisadora merecem destaque por tratarem da interpretação não *default* de estruturas no PB e permitirem intuir a necessidade de uma focalização melódica (e não somente um alongamento silábico) para que as orações *desgarradas totais*, estruturas também interpretadas em sentido não *default*, sejam compreendidas de forma clara pelos falantes/ouvintes brasileiros.

Severino (2011), em trabalho sobre o português europeu, também analisa o papel da prosódia para a desambiguação ao verificar, particularmente, a fronteira de constituintes atestados em outros estudos sobre o PE: palavra prosódica (PW), grupo de palavra prosódica (PWG), sintagma fonológico (PhP) e sintagma entoacional (IP). Tal análise é feita sob a observação de resultados obtidos através de dois diferentes testes de percepção.

A fim de testar suas hipóteses relativas ao papel perceptual das fronteiras prosódicas na desambiguação das estruturas analisadas, o *corpus* de Severino (2011) foi constituído por pares de frases totalmente dependentes da estrutura prosódica para desambiguação morfossintática e semântica. A autora elaborou uma lista com as

seguintes categorias: (a) palavras que pudessem ocorrer como uma ou duas palavras prosódicas sem qualquer alteração fonética; (b) palavras compostas por justaposição foneticamente semelhantes a sequências de palavras independentes; (v) siglas foneticamente semelhantes a sequências de palavras independentes; e (d) palavras homônimas pertencentes a diferentes classes morfossintáticas. As categorias expressas em (i), (ii), (iii) e (iv) são encontrados em Severino (2011, p. 24) exemplificadas em (24)³¹:

(24)

a. pintaN delaPron vs pintadelaN > Sem fronteira prosódica vs PW

b. fita-colaN vs fitaN colaV > PW vs PWG

c. PSDN vs PSN dê > PW vs PhP

d. LargaAdj vs largaV > PWG vs PhP

(SEVERINO, 2011, p. 24)

Além das categorias expressas acima, que permitiram a verificação da estrutura ambígua em constituintes prosódicos mais baixos na hierarquia, através da manipulação lexical, foi necessária a postulação de uma quinta categoria, com estruturas divergentes quanto às organizações sintática e prosódica, para a observação da ambiguidade ao nível de IP:

31 Em Severino (2011, p. 24), os exemplos em (24) são os de número (10) a (13).

Ex: [Um jogador da equipa suplementarAdj]IP[acompanha sempre os treinos extras] IP

[Um jogador da equipa] IP [suplementarAdj ao plantel principal] IP [foi operado] IP

Os resultados da autora demonstram que há, claramente, um efeito perceptivo apenas nas fronteiras de IP e que a percepção está correlacionada ao tamanho do constituinte, uma vez que ele é percebido com mais vigor nos sintagmas em que o número de sílabas até a fronteira é igual ou superior a seis sílabas. Tais resultados são semelhantes aos encontrados por Serra (2009) para o PB.

Essas breves considerações acerca do trabalho de Severino (2011) interessam de modo particular, pois, como já dito, a observação do comportamento prosódico na fronteira de IP é essencial na análise comparativa da prosódia de orações *não desgarradas* e de orações *desgarradas totais*. Desse modo, o fato de os resultados da pesquisadora revelarem que a fronteira do sintagma entoacional é, perceptivamente, a mais importante para a desambiguação de estruturas no PE salienta a hipótese de que a fronteira de IP é, precisamente, o lugar propício para a realização de pistas prosódicas caracterizadoras do *desgarramento*.

Barros (2014) estuda o fraseamento de enunciados parentéticos e tópicos em duas variedades do português europeu. As considerações feitas pela autora para a descrição prosódica de tais estruturas instigam pelo fato de elas serem descritas - sintática e fonologicamente - como independentes da frase núcleo (NESPOR E VOGEL, 2007), de forma comparável às orações *desgarradas totais*, caracterizando casos importantes para o estudo do fraseamento prosódico.

Baseada na afirmação de Nespor e Vogel (2007) de que as parentéticas formam domínios entoacionais próprios e, mais especificamente, nos trabalhos de Frota (2000, 2014), Frota e Vigário (2007)

e Cruz (2013) para variedades do PE, Barros (2014) parte da consideração de que, em termos prosódicos, parentéticas e tópicos constituem IPs independentes, os quais têm suas fronteiras marcadas por fenômenos segmentais, temporais e entoacionais que caracterizam o constituinte. A autora, então, com objetivo de verificar se há variação quanto ao fraseamento prosódico em variedades do português europeu, realiza análise que leva em conta a observação dos contornos utilizados pelos falantes, o controle da extensão dos constituintes e a gama de variação de F0 na fronteira do IP.

Os resultados da investigação demonstraram que não há variação prosódica quanto ao fraseamento de parentéticas e tópicos nas variedades do português, já que tais estruturas formam IPs próprios, independentemente do tamanho dos constituintes. Quanto à gama de variação de F0, entretanto, as análises da pesquisadora sugerem que alguma diferença fonética pode ser identificada, uma vez que as fronteiras internas de IP (que correspondem às parentéticas) apresentaram valores de gama de variação mais baixos ao passo que, nas fronteiras em que a concentração de pausas é maior, tal pista acústica apresentou valores também maiores (BARROS, 2014, p.31).

As brevíssimas considerações sobre o trabalho de Barros (2014), por uma possível comparação estrutural que pode ser postulada entre parentéticas, tópicos e *desgarradas*, são feitas, particularmente, em razão dos resultados relativos à gama de variação de F0 - já descrita por Serra (2009), em seu trabalho específico sobre fraseamento no PB, como caracterizadora da fronteira de IP. Assim sendo, tais resultados levam a idealizar que, uma vez que a fronteira das orações *desgarradas* é, categórica e necessariamente, portadora de pausa, a gama de variação local de F0 em fronteira de IP poderia também caracterizar o fenômeno em estudo neste livro.

2.5 HIPÓTESES

Com base nas considerações anteriormente elencadas, pautadas pelos trabalhos expostos nas seções 2.3 e 2.3.1, delinham-se algumas perguntas e as hipóteses a serem respondidas no decorrer das análises empreendidas neste livro:

- 1) Vigário (2003), Severino (2011) e Fonseca (2010), em trabalhos sobre a desambiguação de constituintes, apontam a importância do IP para que a ambiguidade seja desfeita. Mais especificamente, Vigário (2003) e Fonseca (2010) apontam o uso de pistas prosódicas de duração (de segmentos e de pausas) e de modulações de F0 como marcadores de fronteiras que permitem a interpretação de sentenças no sentido não *default*. Considerando-se que as orações *desgarradas totais* são também constituintes interpretados no sentido não *default*, são também as pistas prosódicas licenciadoras de tal interpretação?

Hipótese 1: A interpretação de orações *desgarradas totais* como orações completas só se dá através da utilização diferenciada de pistas prosódicas, como as modulações de F0 e duração, tal qual demonstram estudos para outras estruturas.

- 2) Tenani (2002) aponta a utilização majoritária do contorno nuclear L+H* H%, conhecido como caracterizador de um tom suspensivo (Cagliari 1992) ou de um “padrão continuativo” (GONÇALVES, 1997; CUNHA, 2000), em constituintes (oracionais ou não) que necessitam ser completados por outros. O contorno L+H*H% seria, portanto, o mais utilizado

em orações *não desgarradas*? E haveria um contorno diferente para as *orações desgarradas totais* ou, pelo fato de haver uma complementação inferível, o mesmo contorno seria o mais utilizado?

Hipótese 2: Uma vez que orações *desgarradas totais* não exigem a complementação por outra oração, o contorno L+H*H%, quando presente em sua configuração, é acompanhado de outra pista prosódica que caracteriza o *desgarramento*.

3) Serra (2009) aponta que, apesar de a pausa ser determinante para a percepção de uma fronteira de IP, o alongamento silábico e a gama de variação de F0 pré-fronteira também podem ser estratégias relevantes para a referida percepção. Barros (2014), em análise de cláusulas parentéticas em variedades do PE, verificou que as fronteiras internas de IP (que correspondem às parentéticas) apresentaram valores de gama de variação mais baixos e que há a tendência de a gama de variação de F0 apresentar valores maiores nas fronteiras em que a concentração de pausas é também maior. Tendo por base esses achados, a gama de variação local de F0 em fronteira de IP poderia também caracterizar *desgarramento*?

Hipótese 3: Uma vez que a pausa das *desgarradas* é a fronteira também de um Enunciado (U), há nelas uma gama de variação de F0 maior do que a observada em cláusulas anexadas à oração núcleo.

4) Frota e Vigário (2001) argumentam que a estrutura prosódica condiciona construções sintáticas no PE a partir de uma

restrição prosódica que se dá, primordialmente, pela necessidade de ser pesado o constituinte mais à direita na sequência segmental. Fonseca (2010) atesta essa mesma necessidade para a interpretação não *default* de relativas reduzidas ambíguas no PB. Serra (2009), para o PB, e Severino (2011), para o PE, confirmam a influência do tamanho em número de sílabas para a percepção da fronteira de IP, sendo tal fronteira proporcionalmente mais percebida em IPs com maior número de sílabas. Deste modo, considerando a existência de IPs maiores, haveria neles necessidade de pistas prosódicas menos salientes para a percepção de suas fronteiras e, consequentemente, para a caracterização do *desgarramento*? Havendo ramificação no último PhP de IPs maiores, haveria atribuição de peso suficiente à estrutura para que ela seja compreendida sem a mesma estratégia observada em IPs menores?

Hipótese 4: A estrutura prosódica influencia o modo de implementação do *desgarramento*, portanto, em IPs maiores, constituídos com ramificação no último PhP, as pistas prosódicas caracterizadoras do fenômeno em estudo se apresentam de forma menos saliente.

Definidas as hipóteses que regem a análise, o próximo capítulo versará sobre os procedimentos metodológicos que permitem descrever se a fronteira de IP é, de fato, o lugar *default* para a inserção de pistas prosódicas caracterizadoras das *desgarradas totais*, quais são essas pistas e se o número de sílabas das sentenças ou a ramificação dos constituintes prosódicos condicionam a utilização de pistas mais ou menos salientes.

REVISÃO

Priscila Francisca dos Santos

CAPA E PROJETO GRÁFICO

Estúdio Guayabo

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Silvestre, Aline Ponciano dos Santos

"Ai, se eu te pego--" [livro eletrônico] : aspectos prosódicos de estruturas desgarradas em língua portuguesa / Aline Ponciano dos Santos Silvestre. -- Campinas, SP : Editora da Abralín, 2021. -- (Altos estudos em linguística)

PDF

Bibliografia.

ISBN 978-85-68990-16-2

1. Linguística 2. Linguística - Análise 3. Linguística - Estudo e ensino
I. Título. II. Série.

21-81239

CDD-410

Índices para catálogo sistemático:

1. Linguística 410

Eliete Marques da Silva - Bibliotecária - CRB-8/9380

DOI 10.25189/9788568990162